
Bussolotti, Maria Aparecida Faria Marcondes (org.). *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, 447pp.

É rara a documentação da cooperação de autor e tradutor. Este livro é a exceção e prova que vale a pena documentar as reflexões dos dois protagonistas no caminho do original à tradução. Se trata de uma dissertação de mestrado que merece, sem dúvida, esta transformação para uma excelente publicação. O livro

destaca a relação muito especial entre Guimarães Rosa e Meyer-Clason que era de admiração mútua e de dedicação comum à perfeição de uma tradução. Bussolotti editou a correspondência frutífera desde o início (primeira carta de Meyer-Clason em 1958, ou seja, dois anos depois da primeira edição de *Grande Sertão: Veredas*) até o final (última carta de Guimarães Rosa de 27 de agosto de 1967, três meses antes da sua morte). São aproximadamente 80 cartas – as onze primeiras tratam da difícil escolha de uma editora adequada na Alemanha, com depoimentos interessantíssimos sobre o mercado editorial da época. As cartas seguintes entram em detalhes sobre a tradução e refletem o processo contínuo de Guimarães

Rosa e Meyer-Clason para atingir a “TRADUÇÃO VERDADEIRA” (116), “a tradução-mãe, a tradução-base” (116), “a definitiva” (259) de *Grande Sertão: Veredas* que foi publicada na Alemanha em 1964 sob o título *Grande Sertão* e que ganhou três edições esgotadas já no ano do lançamento.

A correspondência revela o esforço incansável dos dois homens em achar as melhores soluções. Vale para a cooperação o que Guimarães Rosa anota sobre o seu espírito de trabalho:

“Apenas sou incorrigivelmente pelo melhorar e aperfeiçoar, sem descanso, em ação repetida, dorida, feroz, sem cessar, até o último momento, a todo o custo.” (234)

E mais:

“Faço isso com os meus livros. Neles, não há *nem um* momento de inércia. Nenhuma preguiça! Tudo é retrabalhado, repensado, calculado, rezado, refiltrado, refervido, recongelado, descongelado, purgado e reengrossado, outra vez filtrado.” (234)

Os dois lutaram pela palavra perfeita, pela estrutura mais adequada, pelo tom certo. Esta luta fica evidente nos anexos às cartas. A carta de Guimarães de 17 de agosto de 1966, por exemplo, ganhou quase 20 páginas com explicações minuciosas sobre

Darandina e outros contos. No contexto do *Darandina* a correspondência deixa claro uma outra característica de Guimarães Rosa – a sua generosidade, a sua grandeza na relação com o seu tradutor alemão. Ele escreve o seguinte: “Lendo, por exemplo, o ‘Darandina’, cheguei a comover-me em muitas páginas. Desde já, posso dizer-lhe, gosto mais do texto alemão, seu, do ‘Darandina’, do que do meu original. Obrigado.” (336)

Numa entrevista para a revista *Humboldt*, Guimarães Rosa já havia dito: “Confesso com muito prazer que Meyer-Clason me convenceu de que uma passagem de meu romance –na realidade se tratava de uma metáfora- era mais convincente em alemão que em meu original. É claro que aceito isso, e em uma nova edição brasileira pretendo adaptar esta passagem à versão que Meyer-Clason encontrou em alemão. A isto eu chamo cooperação, co-pensamento.” (12/13)

Não é verdade que esses dois depoimentos dizem mais sobre a relação entre original e tradução do que muitas análises teóricas?

Guimarães resumiu a relação com Meyer-Clason na sua última carta: “Estamos juntos, nós dois. Alegro-me imensamente com isso.” (412)

Não por último, a correspondência indica como é produtivo se a química entre autor e tradutor (e editor) é boa e como uma relação de respeito ajuda no processo criativo. O Autor e o tradutor se encontraram no Brasil e, antes, uma vez na Alemanha quando Meyer-Clason apresentou Guimarães Rosa a seu editor Witsch (da editora Kiepenheuer & Witsch) que era um *homme de lettres* e que havia dito a Meyer-Clason, depois da leitura de trechos de Rosa: “Poderia continuar ouvindo durante horas [...] o conteúdo não me interessa, mas a linguagem prende-me completamente.” (152)

Ganha destaque nas cartas uma quarta pessoa: Mário Calábria, cônsul brasileiro em Munique que atuou como interlocutor entre autor e tradutor.

Aquelas cartas que Meyer-Clason escreveu em alemão foram para a edição aqui comentada traduzidas por Erlon José Paschoal. A única ressalva editorial é que na reprodução do alemão apareceram erros demais – erros puramente datilográficos, que, no entanto, às vezes, dificultam o entendimento das idéias de Meyer-Clason. Apesar disso, o livro é muito bem organizado e estruturado de uma maneira inteligente e funcional. Além da documentação da correspondência,

o volume traz valiosas pinceladas teóricas a respeito de tradução e transcende, assim, um relato meramente técnico sobre o processo tradutório. Um exemplo: “A tradução e publicação em alemão me entusiasma por sua alta significação cultural, e porque julgo esse idioma o mais apto a captar e refletir todas as nuances da língua e do pensamento em que tentei vazar os meus livros.” (25)

Alemão, o idioma mais apto a captar o espírito mineiro-sertanejo? Quem se interessa por essa reflexão e muitas outras questões tradutológicas achará respostas neste livro.

Também o crítico de traduções encontrará reflexões válidas, formuladas pelo tradutor Meyer-Clason, “um diabo de homem, um gênio da tradução” (14), “o melhor tradutor que eu conheço” (14): “[...] minha tradução deveria ser avaliada em bloco, da primeira à última frase composta por duzentas mil palavras, e não com base em amostragens, catadas ociosamente aqui e ali, pois tampouco o original permitiria que depois de algumas páginas alguém dissesse: gosto ou não gosto. Minha versão também é poesia, ou melhor, pretende ser poesia.” (153/154)

Lege, lege!

Werner Heidermann
UFSC